

“A era do empoderamento” e as novas habilidades esperadas do professor: entrevista com Marc Prensky

*The age of empowerment and the new expected abilities from the teachers:
Interview with Marc Prensky*

Tatiana Ramalho Barbosa¹
Henrique Miguel de Lima Silva²
Laurênia Souto Sales³

Nesse número, a revista **Diálogo das Letras** tem a honra de publicar a entrevista realizada com o pesquisador americano Marc Prensky, escritor e consultor educacional americano criador dos termos “nativos digitais” e “imigrantes digitais”. O professor Prensky é conhecido por seu trabalho na aplicação de tecnologias digitais na educação e na utilização de jogos como ferramentas de ensino. Prensky tem bacharelado pela Universidade Yale, e MBA pela Universidade de Harvard. Ele é autor de diversos livros sobre educação, tecnologia e jogos digitais, incluindo “Aprendizagem baseada em Jogos Digitais” e “Não me atrapalhe, mãe – eu estou aprendendo”, ambos publicados no Brasil. Prensky também é autor do premiado livro “*Teaching Digital Natives: Partnering for Real Learning*”, no qual discute a adaptação do sistema educacional ao estilo de aprendizagem dos jovens nascidos na era digital. Marc Prensky já deu palestras em mais de 45 países em 6 continentes. Seu livro mais recente é *EMPOWERED!: Re-framing ‘Growing Up’ for a New Age*, discute as ressignificações que precisam ser feitas para que as crianças do século XXI possam realmente crescer em um mundo completamente digital. Como forma de ajudar essas crianças a atingirem seus potenciais o autor criou uma Organização Não Governamental, que pode ser acessada pelo site: <http://eai-institute.org/>.

Temos, a seguir, a transcrição da entrevista que o autor concedeu, em abril de 2023, à doutoranda Tatiana Ramalho (UFPB) e aos professores Henrique de Lima Silva Miguel (UFPB) e Laurênia Souto Sales (UFPB).

Entrevistadores: Há alguns anos, você escreveu sobre nativos digitais. Nós gostaríamos de saber por que você decidiu escrever sobre aquela geração, naquela época.

Prensky: Acho importante entender que eu escrevi o artigo “Nativos digitais, imigrantes digitais” há quase 20 anos. Esse período de tempo é importante porque é quanto tempo

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING/UFPB). Mestra em Linguística e Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino – PGLE/UFPB. Mestra em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ/UFPB). João Pessoa/PB, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7355-3058>. E-mail: tatiramalho@hotmail.com.

² Professor Adjunto II da Universidade Federal da Paraíba - UFPB/Campus I, lotado no Departamento de Língua Portuguesa e Linguística - DLPL/CCHLA. Doutorado em Linguística pelo PROLING/UFPB. Pós-Doutorado em Ensino pelo PPGE/UERN. Docente Permanente dos Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino PGLE/UFPB e Programa de Pós-Graduação em Linguística PROLING/UFPB. João Pessoa/PB, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1394-9173>. E-mail: henrique.miguel.91@gmail.com.

³ Professora Associada I da Universidade Federal da Paraíba UFPB - Campus IV. Doutora em Linguística pelo PROLING/UFPB. Docente Permanente dos Programa de Pós-Graduação em Rede em Letras – PROFLETRAS/UFPB e Programa de Pós-Graduação em Linguística PROLING/UFPB. João Pessoa/PB, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7462-9755>. E-mail: laureniasouto@gmail.com.

leva, muitas vezes, para que algo se torne universal, para que uma grande mudança ocorra. Esses termos foram incluídos no Dicionário Oxford e hoje mesmo alguém me enviou um artigo do Financial Times falando sobre "nativos digitais". Mas levou muito tempo para que as pessoas realmente compreendessem seus significados. A razão pela qual eles entenderam é porque eu comecei a observar algo que era diferente nos jovens que trabalhavam para mim e como eles se comportavam, como faziam as coisas, e eu escrevi sobre isso. E acabou sendo algo que as pessoas estavam observando por todo canto. Eles estavam observando essas mudanças e simplesmente não tinham um nome para elas. As pessoas não tinham uma palavra para nomear o que viam em seus próprios filhos. E os jovens estavam se comportando de maneiras novas e diferentes porque agora eles acessavam coisas de formas diferentes. É por isso que o termo pegou. Não se pode prever essas coisas. Elas só acontecem quando precisam atender a uma determinada necessidade.

Entrevistadores: Mas de que forma os nativos digitais eram diferentes das gerações anteriores?

Prensky: O que observei nos jovens naquela época foi que eles faziam as coisas de forma distinta quando tinham o mesmo problema. Por exemplo, supondo que uma questão que eles tinham era: "Eu não sei algo". Minha solução, como alguém que cresceu no século XX, seria: "Vou ligar para a pessoa que eu acho que sabe disso". E eu conhecia muitas pessoas e elas sabiam muitas coisas. Eu poderia fazer isso. Ou, se isso falhasse, eu poderia ir à biblioteca e pesquisar sobre o assunto. Os jovens daquela época simplesmente iriam buscar a resposta online. E se eles têm uma pergunta para a qual não sabem a resposta, eles simplesmente a publicam em algo novo chamado fórum de dúvidas. Online. E geralmente recebiam respostas muito rapidamente, às vezes em menos de uma hora. E eram respostas excelentes que eu possivelmente poderia não ter recebido ou pelo menos não com tanta rapidez. Então isso era um dos aspectos que eu observei. Analisando mais, eu descobri que eles gostavam de coisas diferentes também. Eles não estavam muito a fim de ficar trancados em um escritório; eles gostavam de trabalhar em casa. Eles sabiam que podiam fazer muitas coisas online, porque as pessoas com quem trabalhavam estavam todas conectadas. As atividades poderiam ser feitas muito mais facilmente e em um ambiente muito mais confortável. Outra coisa, eles tinham gostos distintos da minha geração. Por exemplo, eles preferiam que as coisas acontecessem mais rápido, gostavam mais de acessar informações através de vídeos, do que em livros longos, ou pelo menos de formas curtas em vez de longas. E eles gostavam que as coisas fossem mais divertidas... e então eu vi essas diferenças, e escrevi sobre elas em um artigo.

Entrevistadores: E todo mundo fala sobre isso até hoje...

Prensky: É incrível! Aquele artigo foi publicado em um jornal online muito desconhecido. E eu pensei que tinha acabado ali. E então um dia eu recebi um e-mail da *Gifted Children's Association* da Nova Zelândia, e eles disseram: nós lemos seu artigo no boletim da *Gifted Children's Association* da Tasmânia, podemos republicá-lo? E o que percebi é que, com o novo mundo online, havia pessoas em todos os lugares que procuravam informações que nunca puderam encontrar e que agora estavam acessíveis para todo mundo. E especialmente as pessoas em lugares remotos procuravam ver o que outras pessoas no

resto do mundo estavam fazendo. E isso para mim era um mundo tão diferente do meu. Um mundo de conexões que simplesmente não existiam no passado.

Entrevistadores: Tudo muito novo para nós, imigrantes digitais! E desde então tem sido difícil para gente entender a forma como tudo que está acontecendo hoje em dia, não é?

Prensky: Sim, mas está ficando melhor. Se você publicar alguma coisa interessante em português, e eu procurar na Internet, seu texto aparece para mim. Então eu posso apertar um botão e tudo estará em inglês. Nem preciso de um tradutor, a máquina provavelmente pode fazer isso sozinha, bom o suficiente para eu entender. E isso tem melhorado a cada dia. Poderemos estar, muito em breve, nós dois falando, cada um na sua língua, e ouvindo na língua que preferirmos. Isso até já existe. É impressionante a velocidade com que essas mudanças estão chegando.

Entrevistadores: Sim, muita coisa já está mudando. Já se percebem diferenças nas escolas de idiomas aqui no Brasil. Antigamente elas estavam cheias de alunos que estudavam inglês, espanhol, francês... Isso nos lembra que você falou uma vez falou que "no futuro não haverá mais professores de inglês" e que ninguém teria que estudar idiomas como no passado. Outro dia em um evento⁴ estávamos discutindo sobre isso e havia professores lá que disseram "não vamos estar vivos para ver o dia que os professores de inglês não serão mais necessários".

Prensky: Mesmo que você não esteja presente quando isso acontecer, seus filhos estarão. E seus netos estarão. Como professores, como pessoas que escolheram ajudar os jovens, vejo que nosso trabalho deve ser prepará-los para o mundo em que eles viverão, em meados do século XXI. E não para o mundo de onde nós viemos. Até agora, tudo o que sabemos fazer é preparar os jovens para o mundo de onde nós viemos. E há uma boa razão para isso: o mundo não mudou assim tão rápido. Nós vivemos durante boa parte das nossas vidas em um mundo mais ou menos igual. O que tínhamos para ensinar aos nossos filhos, tínhamos certeza que seria útil quando eles crescessem, porque estariam no mesmo mundo que nós vivemos. Assim, toda a sabedoria que adquirimos em todas as nossas vidas seria útil e, portanto, fazia sentido transmitir todo esse conhecimento do passado para eles. Essa era uma das razões pelas quais colocávamos as crianças na escola por tantos anos. Costumávamos dizer: "olha, nós sabemos como prepará-los para o futuro, sabemos o que vai funcionar, o que não vai funcionar e, portanto, vamos ensiná-los tudo, e esperamos que, no percurso de suas vidas, isso vai ajudá-los". A questão é que isso não é mais verdade. O mundo está diferente porque as coisas têm mudado muito rápido. Nada mais vai ser do mesmo jeito que era antigamente. Isso é algo que temos que entender como adultos de hoje: de alguma forma nós viveremos em um mundo diferente, mas também já vivemos grande parte das nossas vidas no mundo em que crescemos. São mundos diferentes. Mas nossas crianças não, nossos filhos não. Eles nunca conhecerão muitas das coisas que tínhamos no passado. Eles nunca saberão o que é um telefone discado. Eles nunca saberão o que é um telefone conectado à parede. Eles cresceram em um mundo digital, em um mundo sem fio, em um mundo incrivelmente diferente do

⁴O evento mencionado foi o Cambridge Day, evento para professores de inglês, que uma das entrevistadoras, Tatiana Ramalho, participou.

nosso. Algumas coisas talvez não tão boas, e algumas outras, muito melhores. Mas é um mundo diferente. E esse é o mundo para o qual eles precisam estar preparados.

Entrevistadores: Diferente. Algumas coisas melhores, outras piores, mas todas diferentes. Diferentes formas de ver e de viver. As pessoas estão falando agora sobre a Alpha, a mais nova geração descrita pelos estudiosos. Os Alphas são diferentes dos nativos digitais?

Prensky: Eu gosto do nome Alpha. Os Alphas. Eles vivem em um mundo de mudanças rápidas, então evoluirão muito rapidamente de várias maneiras. Nós estamos vendo isso. Há duas coisas que eu acho que são diferentes, que tornam esses Alphas, os jovens de hoje, diferentes dos jovens do passado. A primeira é a atitude. A atitude deles é de "Eu posso". As gerações anteriores de jovens foram criadas basicamente com a atitude de "não posso"; "você não pode"; "não pode até completar os 12 anos de escola"; "até você aprender todas as coisas que temos para lhe ensinar sobre nossa cultura"; "até você aprender todas as coisas que temos para lhe ensinar sobre nosso passado, você não pode realizar nada". Eu cresci com essa mentalidade. Eu posso ter resistido um pouco, mas isso veio muito fortemente dos pais, da escola, da nossa cultura. E isso está realmente mudando. Na verdade, ainda está em processo de mudança, mas os jovens de hoje estão crescendo cada vez mais com a ideia de "eu posso". "Não me diga que não posso porque eu posso! E tenho os meios, tenho vontade e vou fazer". Então a primeira coisa que mudou foi a atitude. A segunda coisa é como fazer, são os meios. Os jovens que não podiam fazer certas coisas antes porque simplesmente não tinham acesso às formas de fazê-las, hoje em dia têm esse acesso em uma idade muito precoce. Uma vez que você tem um smartphone ou qualquer que seja o nome do dispositivo, você tem acesso ao conhecimento do mundo inteiro. Você tem acesso a todas as pessoas com Internet no planeta. Isso é tão diferente! E te dá poder para fazer muito mais. Nós estamos apenas no começo da descoberta do que isso significa. É assustador para algumas pessoas, e é empoderador e empolgante para outras. Talvez mais para os jovens do que para os velhos. Mas é isso que está acontecendo. De repente, somos colocados em uma situação de poder nova, e isso assusta os velhos que sempre foram os detentores do poder por muitos anos. Eu acho que isso motiva os jovens que estão começando a entender o poder que têm, a grande questão é que alguns deles não sabem, ainda, cem por cento, o poder que têm. Então temos que ajudá-los. E se queremos genuinamente ajudá-los, temos que fazê-los descobrir o poder que têm e como usá-lo de maneira positiva.

Entrevistadores: E falando de gente que tem medo desse poder, podemos começar a falar sobre os professores? Estas devem ser as pessoas mais assustadas com esse poder que as crianças têm hoje em dia. Aqui no Brasil, temos conversado muito sobre isso. Como nós dissemos antes, achamos que estamos muito atrás das ideias que vocês discutem aí nos Estados Unidos, porque ainda estamos debatendo se devemos usar ou não qualquer tipo de tecnologia em sala de aula. Algumas escolas até proíbem os alunos de levar celulares para a aula e os professores não estão acostumados a usar computadores ou internet na sala de aula. O que você acha do uso da tecnologia na educação hoje em dia?

Prensky: Essa resposta vai depender do que pensamos que estamos tentando fazer. Se queremos preparar as crianças para o passado, para o século XX, não precisamos de tecnologia nenhuma. Nós sabemos como fazer isso, sabemos como ensinar o currículo do

passado, podemos continuar ensinando do mesmo jeito. Mas devemos compreender que estamos preparando as crianças para o século XX. Se nosso desejo, por outro lado, é preparar os jovens para quando eles viverão no século XXI, provavelmente na segunda metade do século XXI, é melhor garantir que eles saibam como usar todas as partes do seu corpo. E a tecnologia está se tornando uma nova parte do corpo. Eu chamo isso de simbiose. É claro que a tecnologia poder ser mal-usada, mas se alguém usa seu punho, que é claramente uma parte de seu corpo, para, por exemplo, dar um soco na cara de alguém, não cortamos sua mão. Nós apenas mostramos a ela como usá-lo da maneira correta. Então por que, se alguém usa o telefone de maneira distrativa, tiramos o telefone? É a mesma coisa. Eu costumava ouvir muitas pessoas, e muitas delas eram da América Latina, que falavam sobre poder e controle na educação, você provavelmente sabe quem são. E eu falei: "é a mesma coisa!". Eu percebi que é uma maneira de mantermos nossos jovens no lugar que queremos que eles estejam, que é essencialmente como nós estivemos no passado, através de um processo de controle muito forte. Medo e controle. Nós os controlamos como pais, dizemos a eles o que podem e o que não podem fazer. Nós os controlamos como educadores, dizemos a eles o que devem e o que não devem aprender. Nós os controlamos como cultura, dizemos a eles o que é aceitável e o que não é aceitável. E isso era, talvez, eficiente no passado. Mas agora as pessoas resistem. Elas estão vivendo em um mundo diferente e veem que podem fazer pequenas coisas, são mais poderosas, e querem ser capazes de fazer o que acharem que devem fazer. Uma das coisas que me vem à mente e que corrobora com esse meu pensamento é o seguinte: "Qual é a pior coisa que você pode dizer a um professor? Qual é o pior pecado que eles podem cometer?". A resposta é: "suas crianças estão fora de controle". Se você não está no comando, controlando sua turma e conseguindo que eles façam o que você acha que eles devem fazer, que é obviamente o que outras pessoas dizem que eles deveriam fazer, então você falhou. Então, parece que controle é o que exigimos dos professores e dos adultos com frequência. Pode ser bom em algumas situações. Não queremos que as pessoas se tornem bárbaras ou selvagens. Por outro lado, o tipo de controle que precisamos é autocontrole. Precisamos de pessoas que escolham o que querem fazer, que se controlem e vão, não porque lhes dizemos que sigam certas direções, mas porque querem. E é disso que precisamos, e é isso que não estamos conseguindo no sistema atual. E é por isso que o sistema que temos hoje está desmoronando, não será um sistema tão útil para o futuro quanto foi no passado.

Entrevistadores: Muito interessantes esses seus pensamentos. Isso nos faz lembrar muito do intenso trabalho que os professores têm hoje em dia. Você falou antes sobre mudar o currículo, mudar o conteúdo que ensinamos atualmente, e parece que aqui no Brasil ensinamos muito conteúdo. A maioria deles não são tão úteis ou serão inúteis de alguma forma no futuro. Você também mencionou algumas das disciplinas que foram incluídas recentemente, por exemplo, aqui a moda agora é uma disciplina chamada socioemocional que foi incluída no currículo aqui no Brasil. Nós temos a sensação de que isso não é suficiente. Então, qual seria, na sua opinião, uma matéria para ser ensinada nas escolas?

Prensky: Vou dizer a minha visão de como as pessoas deveriam trabalhar e quais são os princípios básicos da educação. Acho que há três coisas que precisamos começar a ensinar o mais cedo possível. A primeira é: não faça mal. Não machuque outras pessoas,

não machuque outras coisas, não machuque o planeta. Tente fazer o mínimo de mal com o melhor que puder. A segunda coisa é: faça aos outros o que você quer que façam a você. A regra de ouro. A terceira coisa é: tentar tornar o mundo melhor o tempo todo. Essas são três coisas que se as pessoas internalizassem, seria a melhor maneira de começar a educação. Isso é educação. Isso são as coisas que, como humanos, gostaríamos de ter. Nem todo mundo pode concordar com todas elas, mas acho que a maioria dos humanos concordaria. E foi assim que a maioria das sociedades evoluiu. Fora isso... tem o que você quiser fazer a serviço dessas três coisas, respeitando essas três regras. Em vez de ter um currículo que todos deveriam aprender, acho que precisamos de dois bilhões de currículos, um para cada pessoa, porque cada pessoa é única, cada pessoa é um indivíduo, e a singularidade vem dos projetos em que escolhem se envolver. Seria um sistema onde os jovens pudessem escolher desde o início o que lhes interessasse, com o que sonhassem, com o que se importassem. E nós os ajudaremos como adultos, organizando-os em equipes para descobrir o que realmente é importante para cada um. E depois fazer projetos que melhorem o mundo. Seja o ambiente mais próximo, suas famílias, ou o mundo inteiro, da maneira que eles quisessem. Então nós teríamos um sistema de ensino muito melhor que os jovens iam querer fazer parte. Eu creio que todo jovem hoje em dia se importa com alguma coisa, tem sonhos, tem qualidades positivas e pode melhorar o mundo.

Entrevistadores: Você começou a falar sobre o tema que escreveu neste livro, que nós realmente gostamos, sobre a era do empoderamento. Você pode falar sobre essa nova era descrita no seu livro?

Prensky: Na época que cresci, não tínhamos muito poder e, quando éramos jovens, podíamos fazer apenas algumas coisas. Podíamos, sim, seguir nossos interesses, ter hobbies e praticar certos esportes, talvez. Mas não podíamos fazer muito para mudar o mundo como indivíduos, como jovens. E esse era o mundo até o final do século XX, mais ou menos. Agora os jovens desde muito pequenos, aos três anos, podem ver algo que não gostam no mundo, que acham que está errado, e podem mudar. Há um vídeo maravilhoso de crianças de 3 anos na Espanha colocando uma lixeira mais baixa no poste da praça perto de casa, até que pudessem alcançá-la. Porque eles não eram felizes com isso. Então vejo cada vez mais exemplos de jovens capazes de agir hoje em dia. Há uma famosa história do menino que capturou o vento na África que disse assim: "Eu quero fazer isso, vejo um jeito de fazer". E ele foi capaz de fazer. Algumas pessoas no MIT, nos Estados Unidos, perceberam que se gasta muita energia (que não serve para mais nada), chutando as bolas num jogo de futebol. Então eles conseguiram criar uma bola que, de alguma maneira, capturasse a energia daqueles chutes no futebol para usá-la depois. Outro jovem está pensando em como produzir uma máquina para captar energia em uma partida de futebol. Toda aquela gritaria da torcida é energia. Existem coisas enormes que os jovens podem sonhar e depois fazer. E estamos vendo isso tudo partir de jovens, de equipes de jovens. Essa é a questão. A educação, como a definimos há séculos, talvez milênios, não ensina essas coisas e, por isso, está expirando para os seres humanos. Temos que superar a ideia de ensinar muito "currículo antecipado" que são coisas que talvez, um dia, no futuro, eles possam usar. Eles podem aprender coisas para usar agora, não no futuro. E é isso que quero dizer com a era do empoderamento.

Entrevistadores: Como nós, professores, podemos ajudar esses jovens a crescerem empoderados? Seria apenas uma questão de mudar todos os currículos ou seria o caso de incluir novas ideias no mesmo currículo que temos? Ou, quem sabe, criar uma nova disciplina para ensinar na escola? O que podemos fazer agora?

Prensky: A primeira coisa que eu gostaria de ver é uma mudança de atitude. Admiro muito os professores. A razão pela qual os admiro é que eles escolheram como missão ajudar os jovens. É isso que eles elegeram como o trabalho de suas vidas: ajudar os jovens a crescer. A questão é que eles entraram em um sistema que faz isso à moda antiga. É como se eles pensassem que todo aluno deveria aprender a criar cavalos porque era assim que as pessoas se locomoviam antigamente: em carroças puxadas por cavalos. Então todos os alunos poderiam ser muito bons em ajudar as pessoas a criar cavalos. E treinar cavalos. E fazer ferraduras. E fazer todas as coisas relacionadas a cavalos. Mas, de repente, os carros foram inventados. Criar cavalos ainda é bom, mas não é mais útil para as pessoas que querem se locomover. As pessoas querem fazer as coisas de uma maneira moderna agora, querem ter carros. Não há nada de errado com isso. As ideias mudam. O mundo muda. E nós temos visto muito isso ultimamente: o mundo inteiro tem mudado de várias maneiras: muitas coisas sobre como nos deslocamos, como cozinhamos, como vivemos, como nos comunicamos, estão completamente diferentes. Só não mudou a forma como educamos nossos filhos. E podemos voltar e perguntar: por que isso acontece? Tem a ver com a ideia de que queremos controlá-los, queremos estar no comando, queremos continuar ensinando da forma como aprendemos. Infelizmente a educação não está mais conseguindo ensinar os jovens de hoje. Queremos ensinar conteúdos durante todos esses anos, entre os três e os vinte anos de idade, quando talvez eles estejam totalmente desenvolvidos como seres humanos. Mas o que devemos ensinar durante esse período precisa ser eficaz e útil no ambiente em que vivem hoje. Minha perspectiva é que precisamos oferecer a eles a oportunidade de fazer projetos de trabalho que possam melhorar o mundo real em que eles vivem. Coisas que eles queiram fazer, que atendam às suas necessidades, seus sonhos, seus desejos. Nem todos sabem com antecedência o que querem para o futuro, mas nós podemos ajudá-los a descobrir. Certamente podemos ajudá-los a se engajarem com equipes de todas as partes do mundo que compartilhem os mesmos desejos. Um dos grandes problemas no passado era que tínhamos que fazer educação apenas de forma local. Você ia para a escola, mais ou menos na época em que, talvez, também iam todas as pessoas que moravam próximas. Se você tivesse sorte, havia muitas pessoas parecidas com você ao seu redor, e isso era bom. Se você não tivesse sorte, poderia estar interessado em algo que ninguém da sua escola se importasse. Isso acabou. Agora, uma vez conectado, você tem todo o mundo para escolher e encontrar pessoas com quem você compartilha interesses e deseja fazer coisas, realizar coisas. A educação da forma como é feita hoje não permite que você faça isso. Não está estruturada para que você se conecte com pessoas com os mesmos desejos. Na verdade, ela não quer fazer isso porque vê que isso está sendo, em muitos aspectos, perigoso. Se pararmos pra pensar um pouco podemos perceber que, por exemplo, o YouTube, tem praticamente tudo o que você quiser aprender. Incluindo todo o currículo de medicina. Então os jovens pensam: "pra que eu vou para a escola ouvir alguém falar por horas e horas algo que eu posso aprender em casa?" Eu creio que, como professores, podemos nos organizar de novas formas para fazer coisas positivas e ser muito mais felizes. A tecnologia é parte disso. Algumas pessoas têm usado o termo "edutech" para a junção

da tecnologia com educação. Eu costumo chamar de "empotech": tecnologia que empodera. Uma vez que pensarmos na tecnologia como uma ferramenta, um meio para crescer, que eu chamo de "crescer empoderado", então estaremos construindo uma nova forma de ensinar.

Entrevistadores: Não sabemos se isso acontece nos Estados Unidos, mas algumas pessoas ainda resistem aqui no Brasil a aceitar o uso das tecnologias na sala de aula. Em nossa opinião, isso acontece por várias razões. Uma delas é que muitos professores ainda veem a tecnologia como "adereço" e não como uma ferramenta para realmente fornecer novos sentidos, novas aprendizagens. Há um certo impulso por usar "qualquer" plataforma digital, sem associar com o conteúdo que precisa ser ensinado.

Prensky: Isso acontece em todo canto. Mas não devemos esquecer que aí no Brasil, aqui nos Estados Unidos e em todas as partes do mundo, os professores recebem um currículo enorme com conteúdos que precisam ser ensinados dentro de um ano letivo. São assuntos, como disse antes, que algumas pessoas (as que fazem as regras) pensam que serão necessários no futuro, quando essas crianças se tornarem adultas. Isso não faz sentido para elas agora. Então o que precisa acontecer é uma mudança de mentalidade. Um celular, um tablet, um computador, não é um "algo a mais" para ser oferecido a qualquer momento de uma aula qualquer para "agradar" uma geração de alunos que têm esses aparelhos como uma parte de seus corpos. É preciso ressignificar a forma de ensinar. Tudo precisa estar conectado: o que você vai ensinar (que precisa ser significativo para quem vai aprender), como você vai ensinar (que certamente terá que ser diferente de uma aula 100% expositiva, na qual você está no comando e os alunos devem apenas ouvir atentamente e "aprender") e, principalmente, professores e alunos precisam saber o porquê daquele conteúdo ser ensinado e o que eles podem fazer hoje com ele. Após entrevista, não podemos deixar de registrar nossos agradecimentos ao professor Marc Prensky pela disponibilidade que teve para com nossa entrevista, bem como pelo aprendizado decorrente desta e das grandes contribuições que, por sua vez, serão desdobradas em inúmeras ressignificações do ensino e do uso das tecnologias em contextos formais e informais de ensino.

Entrevista recebida em: 20/07/2023

Entrevista aprovada em: 24/07/2023

Entrevista publicada em: 27/07/2023

COMO CITAR

BARBOSA, T. R.; SILVA, H. M. L.; SALES, L. "A Era do Empoderamento" e as novas habilidades esperadas do professor: entrevista com Marc Prensky. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 12, p. 1-8, e02315, 2023.